

LIMITAÇÕES DA CONTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO ESPORTE: UM ESTUDO A PARTIR DE CRISTOPH TURCKE E THEODOR ADORNO.

Carlos Augusto Magalhães Júnior¹

Luciana Azevedo Rodrigues²

Márcio Norberto Farias³

RESUMO

O fenômeno que nos dias atuais é conhecido como esporte pode ser qualificado como uma importante construção cultural. Assim o fenômeno esportivo tem recebido atenção de várias áreas do conhecimento, inclusive da área pedagógica. Nesse sentido, o ponto de partida deste estudo foi à colocação de Adorno, em seu texto Educação após Auschwitz(1995) sobre a possibilidade do esporte colaborar no processo de construção da autonomia dos indivíduos. Conforme Adorno, para que o esporte se concretize enquanto um instrumento educacional deve pautar-se pela cooperação e pelo *fair-play*, pois caso isso não ocorra, o esporte pode se tornar um desencadeador da barbárie. O objetivo deste trabalho foi identificar as limitações da concretização de um esporte que contribua para a emancipação dos indivíduos envolvidos com sua prática, no contexto da sociedade contemporânea. Para análise do formato assumido pela sociedade nos dias atuais foi utilizada a obra “Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação” (2009) de Christoph Turcke. O trabalho se dividiu em três capítulos. No primeiro, buscamos fazer, a partir do ensaio Tempo Livre (1995) de Adorno, algumas constatações acerca da situação do tempo livre na sociedade contemporânea. A partir da colocação de Adorno quanto a impotencialidade dos indivíduos em fazer de seu tempo livre (*Freizeit*) um espaço de liberdade (*Freiheit*), buscamos dialogar com a constatação de Turcke, sobre o aumento dessa impotência no contexto da Sociedade Excitada. No segundo capítulo demonstramos, com o auxílio da obra: “Senhores dos Anéis: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas” (1992), o processo de transformação do esporte em um objeto de busca desenfreada por lucros, concretizando assim sua **desregulamentação**. No terceiro e último capítulo descrevemos um exemplo de como o esporte, no caso o futebol, em um contexto de

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Lavras

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras

³ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras.

desregulamentação desenvolve limitantes à construção da autonomia. Para isso analisamos um episódio que demonstrou como a alta pressão concorrencial colocou os atletas na necessidade de serem percebidos levando-os a uma situação de heteronomia. Este estudo nos permitiu perceber como o desenvolvimento da sociedade capitalista vem limitando a concretização de um esporte que se baseie por valores capazes de contribuir no processo de emancipação humana. Portanto, como consideração final deste trabalho sinalizamos a necessidade da (des)reconstrução do esporte tendo em vista a busca da emancipação humana.

Palavras chave: Autonomia, sociedade excitada, esporte, emancipação.

Introdução

Um dos objetos de estudo da Educação Física é o esporte. Apesar das divergências teóricas acerca de sua caracterização e de seu surgimento, podemos constatar a existência de práticas corporais parecidas com o que hoje é denominado esporte, em praticamente todas as formas de organização social. Deste modo, o esporte assume características peculiares de acordo com o momento histórico em que se constitui. Como exemplos do supracitado, podemos destacar, dentre outros, a política pão e circo da Roma antiga e o discurso eugenista construído sobre o esporte pelo governo nazista.

A partir dessas constatações observa-se uma preocupação da Educação Física em problematizar e discutir aspectos relacionados às práticas esportivas. Dentre essas preocupações, podemos visualizar as tentativas de fazer do esporte um conteúdo educacional, ou em outras palavras, a busca por dar um trato pedagógico ao esporte. Apesar de receber um olhar especial da Educação Física, a preocupação para com o esporte e sua possibilidade enquanto uma ferramenta educacional não se restringe apenas aos autores específicos da área. Logo, o ponto de partida deste texto foi uma colocação feita pelo filósofo alemão Theodor Adorno sobre o esporte.

Antes, porém, cabe uma contextualização sobre o autor citado. Membro da primeira geração da escola de Frankfurt, Theodor Adorno teve em seus escritos preocupações importantes com o desenvolvimento da racionalidade instrumental e com os meios de dominação do capitalismo contemporâneo. Como apontado por Vaz (2000) o esporte não foi tema central de seus textos, porém isso não quer dizer que esse fenômeno não tenha recebido atenção por parte do autor. Uma das preocupações centrais de Adorno era a educação, e assim

sendo, um de seus textos clássicos – que foi ponto de partida deste trabalho - é Educação Após Auschwitz.

Nesta obra, que se trata da transcrição de uma conferência, Adorno se propõe a pensar aquele que seria o papel da educação após o episódio de extermínio em massa de Auschwitz. Para o autor a exigência da educação após um episódio como o ocorrido deve ser a busca de sua não repetição. Para que isso (não) ocorra, Adorno propõe a busca pela emancipação humana, essa entendida a partir da formulação Kantiana de autonomia, ou seja, despertar nos indivíduos a capacidade de tomar suas próprias decisões perante o todo social. Assim uma educação que se busque emancipatória deve pautar-se pela construção da autonomia, e, portanto ir á contramão da situação de heteronomia presente na sociedade capitalista. Ainda nesse mesmo ensaio, Adorno coloca aquele que seria o papel do esporte neste contexto. Para o autor, o fenômeno esportivo pode assumir papel ambíguo, uma vez que, pode contribuir para a construção da autonomia, desde que se baseie pela cooperação, pelo *fair-play* e pelo respeito ao mais fraco, porém, caso contrário, o esporte pode se tornar um desencadeador da barbárie.

Como afirmado acima este trabalho teve como ponto de partida a colocação de Adorno sobre o papel do esporte enquanto um instrumento educacional. Porém a conferência foi ministrada na década de 1960 e observar o formato do esporte nos dias atuais é de extrema importância para a reflexão sobre suas potencialidades bem como suas limitações pedagógicas. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar no contexto da sociedade contemporânea os limitantes da concretização do esporte enquanto uma ferramenta que contribua no processo de emancipação humana, e, portanto colabore na construção da autonomia. Para análise da sociedade contemporânea, tomou-se como base o livro Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação de 2009, do filósofo alemão Christoph Turcke, tido como um atualizador do pensamento da Teoria Crítica da Sociedade nos dias atuais. Assim o texto se dividiu em três tópicos. No primeiro foi realizada uma discussão a partir de outro texto de Adorno -Tempo Livre- sobre a situação dos esportes praticados como forma de lazer nos dias atuais. No segundo tópico a partir da obra Senhores dos Anéis: Poder, drogas e dinheiro nas olimpíadas modernas de 1992 foi realizada uma discussão sobre a inserção do **logo** no ambiente esportivo e das conseqüências desse processo para o esporte. Por fim, no terceiro e último tópico, buscou-se demonstrar através de um episódio ocorrido no futebol brasileiro, como o ambiente esportivo na sociedade contemporânea vem cada dia mais apontando para

uma situação de heteronomia, e, portanto indo a contramão do processo de emancipação humana.

Tempo livre, tédio e esporte na Sociedade Excitada.

Um dos espaços tidos na contemporaneidade como privilegiado para as práticas esportivas pela população é o denominado tempo livre. Nesse sentido um olhar atento para este espaço é de grande importância para aqueles que – como nesse trabalho- buscam compreender o fenômeno esportivo com vista à construção da autonomia neste espaço. Assim sendo, tomaremos como base para a compreensão do formato assumido pelo tempo livre na sociedade atual, o texto Tempo Livre de Theodor Adorno. Para o autor se buscamos entender o tempo livre, devemos necessariamente compreender seu oposto, o tempo de trabalho. Segundo Adorno apesar da aparente liberdade presente no tempo livre, o que na verdade ocorre é a busca das pessoas por fazer nesse momento aquilo que não os permite o tempo de trabalho. Para exemplificar esse dito Adorno argumenta quanto a ideologia do hobby. Para o filósofo o fato de se questionar sobre seu um hobby já carrega subentendido que se deve ter um e que se não o possui será ridicularizado perante sociedade. Adorno critica ainda o *fitness* cada vez mais recorrente no tempo livre. Para Adorno essa prática nada mais é do que o adestramento do corpo para a nova jornada de trabalho, corroborando assim com a tese de que o tempo livre se entrelaça ao tempo de trabalho.

Após essas críticas quanto ao formato assumido pelo tempo livre no capitalismo, Adorno aponta aquela que seria uma esperança de reconstrução desse espaço em prol da autonomia. Essa constatação ocorre após o autor citar uma pesquisa feita sobre a Indústria Cultural. Nessa pesquisa Adorno constatou que apesar da desvinculação de um significado político acerca de uma atração vendida pela TV, o casamento de um diplomata e de uma princesa, os indivíduos que consumiam essa atração tinham conhecimento sobre o significado deste ato. Assim afirma Adorno(1995 p.82):

É evidente que ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre. Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistir á apreensão [*Erfassung*] total. Isto coincidiria com o prognóstico social, segundo o qual uma sociedade, cujas contradições fundamentais permanecem inalteradas, também não poderia ser totalmente integrada pela consciência. A coisa não funciona assim tão sem dificuldades, e menos no tempo livre, que, sem dúvida, envolve

as pessoas, mas, segundo seu próprio conceito, não pode envolvê-las completamente sem que isso fosse demasiado para elas. Renuncio a esboçar as conseqüências disso; penso, porém, que se vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre [*Freizeit*] se transforme em liberdade [*Freiheit*].

Assim buscar a transformação do tempo livre [*Freizeit*] em liberdade [*Freiheit*] perpassa por entender os limitantes dessa transformação. Nesse sentido podemos recorrer mais uma vez para os apontamentos de Adorno. Ainda nesse mesmo ensaio, o autor, assinala um dos limitantes para a emancipação no tempo livre, o tédio. Adorno compreende o tédio como um produto da “vida sob coação do trabalho” (Adorno, 1995, p.76). Assim o autor argumenta que o tédio não existiria em uma sociedade onde os indivíduos tivessem a possibilidade de autonomamente criar e recriar suas práticas no tempo livre. Esse tédio é acentuado pelo sentimento de impotencialidade, que para Adorno, tem estreita relação com a divisão do trabalho inerente a sociedade capitalista. Em outras palavras, o indivíduo pode fazer qualquer prática- inclusive esportiva- em seu tempo livre, porém haverá alguém profissionalmente incumbido de realizar essa tarefa de maneira muito mais refinada, o que por sua vez contribuirá de maneira contundente para o aumento da sensação de impotencialidade que culmina no tédio. Assim esse sentimento de tédio e impotencialidade aparecem como limitantes da autonomia no tempo livre, uma vez que, ”imobilizam” o indivíduo a fazer e refazer suas práticas de acordo com suas vontades.

No contexto da sociedade contemporânea esses fatores são acentuados. De acordo com Turcke (2009) a ascensão da sociedade capitalista ocasionou uma modificação quanto ao papel do mercado. Esse lugar, que até então era esporádico e acontecia na forma das feiras, passou, com o advento da Revolução Industrial, a ser o regulador das relações sociais. Essa nova situação colocou os indivíduos na necessidade de emitir, de chamarem atenção para serem percebido e por sua vez possuírem seus produtos comprados no mercado cada dia mais inflacionado. Essa transformação acarretou mudanças também no tempo livre. Sob o imperativo de se mostrar cada dia mais produtivos, os indivíduos fazem de seu tempo livre um espaço de busca desenfreada por sensações. Para exemplificar essa situação Turcke (2009) recorre a famosa imagem construída por Gunther Anders , o homem tomando banho de sol. Essa imagem fala sobre um indivíduo que em seu tempo livre não se contenta em fazer apenas uma atividade, mas, lê uma revista, masca um chiclete, ouve um jogo esportivo enquanto toma sol. A situação descrita por Anders e retomada por Turcke (2009) vem se tornando cada

vez mais recorrente na sociedade contemporânea, uma vez que essa se caracteriza pela busca desenfreada de sensações. Esse fato aponta para o aumento do sentimento de impotencialidade dos indivíduos e, conseqüentemente, limitações das possibilidades de práticas realmente autônomas no tempo livre.

Outro fator que, na sociedade contemporânea, vem se tornando um acentuador do sentimento de impotência e, portanto, do tédio no tempo livre é a espetacularização. Em uma sociedade permeada por imagens e onde a busca por atenção se coloca como um imperativo constante, a espetacularização do dia-a-dia se torna recorrente. Nesse sentido acentua-se o sentimento de impotencialidade, pois, se como afirmado por Adorno (1995), em uma sociedade com alta divisão do trabalho, tudo que o indivíduo faz em seu tempo livre, é realizado de uma maneira melhor por outro profissionalmente incumbido de fazê-lo, nos dias atuais, além de alguém fazer "melhor", isso será altamente explorado e divulgado pelos aparatos audiovisuais advindos da "revolução microeletrônica". Nesse sentido qualquer esporte que eu pratique em meu tempo livre será banal diante daquele mostrado na TV ou na tela de meu computador, pois como afirmado por Turcke (2009 p. 41-42) "a presença corporal produz um efeito pálido e apagado em comparação com a midiática".

Apesar do esforço da grande mídia em tratar os esportes a-historicamente, colocando a prática com vistas ao rendimento máximo e altamente espetacularizada como única alternativa possível, podemos vislumbrar, tentativas de constituir um esporte balizado por outros valores que não esses acima descritos. Assim, o segundo capítulo buscará recuperar o processo de inserção do lucro no ambiente esportivo- aqui denominado **desregulamentação**- na tentativa de potencializar um olhar histórico sobre esse fenômeno.

A **desregulamentação** e o esporte

A concorrência é o sustentáculo da sociedade capitalista. Nesse sentido, o discurso predominante é que ela é essencial para o progresso. Porém, contraditoriamente, alguns países capitalistas permitem existir em sua economia alguns setores públicos, que não se colocam na busca desenfreada pelo lucro, para, justamente, garantir alguns direitos básicos a população. Nos Estados Unidos, no final da década de 1980, porém, esses setores começaram a serem vistos com maus olhos pelo governo. Não que pairasse no ar uma ameaça socialista, mas, a idéia era implantar nesses ambientes uma invenção que permitiria fazer o mesmo serviço que os trabalhadores, contudo, com maior eficiência: o computador. Nesse contexto ocorreu uma reviravolta no discurso público e esses setores passaram a ser considerados dispensáveis.

Juntamente com esse fato, esses departamentos apareceram como ilhas de má administração, abrindo brechas para o questionamento da validade de sua existência. Esse ocorrido propiciou a modificação da maneira de funcionar desses ambientes, que se viram obrigados a passarem a pautar-se também pela busca de lucros.

O exemplo acima, descrito e analisado por Turcke (2009), fala sobre os Estados Unidos, porém, esse acontecimento pode ser visualizado em diversos outros países, em momentos diferentes. Esse episódio gerou uma modificação no modelo de funcionamento dos setores da economia que não se propunham a pautar-se pela busca de lucros. A partir de então tudo que queira existir enquanto organização- mesmo aquilo que antes garantia serviços a população- deve adotar o modelo de administração das grandes empresas, ou seja, deve orientar-se desse momento em diante pela lucratividade. Segundo Turcke (2009) inicia-se assim o processo de **desregulamentação**. Nesse sentido o padrão de funcionamento de qualquer instituição passa a ser o das firmas. Isso não quer dizer que necessariamente todos os grupos se tornem firmas, mas que eles devem adotar o modelo de funcionamento das mesmas.

Nesse novo modelo de funcionamento de instituições, outro fator vem a tona e se coloca como um importante fato a ser analisado- o alastramento da propaganda. Em um contexto de busca desenfreada por lucros, a propaganda, aparece como alavanca e sustentação para esses grupos, que, vêem no patrocínio uma forma de equilibrar suas finanças. Isso faz com que a propaganda adentre em locais que antes, não se imaginava sua existência- as escolas são, talvez, o melhor exemplo disto. Assim a propaganda ganha um novo *status* passando a ser o novo imperativo social, ou, nas palavras de Turcke (2009 p. 23) a **“competência comunicativa”**.

Quando voltamos nosso olhar para a constituição do esporte, inclusive em seu formato moderno, podemos visualizar uma tentativa de mantê-lo alheio a essa busca desenfreada por lucros. Um exemplo que ilustra essa constatação é a gênese dos Jogos Olímpicos Modernos. Idealizado por Pierre de Coubertin, os jogos foram pensados como algo que pudesse contribuir, entre outras coisas, na educação dos indivíduos. Nessa perspectiva, e tentando manter o esporte longe dos interesses mercadológicos, a Carta Olímpica (2003 p.8), documento máximo dos Jogos Olímpicos, deixa claro que o Comitê Olímpico Internacional- COI: “Opor-se-a a toda utilização abusiva política e comercial do esporte”.

Porém, como apontado por Turcke (2009), o processo de **desregulamentação** atinge todas as instituições que buscam manter-se funcionando hoje em dia. Nesse sentido, o livro

Senhores dos Anéis, Poder, Dinheiro e Drogas nas Olimpíadas Modernas dos jornalistas investigativos Simsom e Jennings, nos ajuda a compreender, a efetivação desse processo de **desregulamentação** no esporte. Segundo os autores, as federações esportivas, bem como os comitês responsáveis por cada esporte, funcionavam inicialmente em um modelo que se aproximava do amadorismo. Esse amadorismo permitia ao esporte, em certa medida, se manter alheio ao interesse, por exemplo, das grandes corporações. Mas, em uma sociedade cada vez mais concorrencial, essas corporações, buscam maneiras de se expandir, e a Adidas sob essa pressão mercadológica foi a primeira a direcionar seu olhar para o ambiente esportivo. Então controlada pelo alemão Hort Dassler, a empresa foi uma das primeiras a ceder calçados para que os jogadores usassem em nome de propagar sua marca. Essa idéia logo foi copiada, e a Puma, outra empresa de calçado, entrou nessa disputa, tentando também, ceder calçados aos atletas

Essa “disputa” era, em geral, mal vista pelos amantes do esporte que, possivelmente, já vislumbravam os perigos de vincular o esporte ao marketing. Dassler percebeu que essa seria uma dificuldade que enfrentaria, e aliando-se a Patrick Nally, pensou em como poderia romper com essa lógica amadora do esporte. Eles perceberam que precisariam então, fazer com que essas federações esportivas pensassem no lucro. Em outras palavras o esporte precisaria deixar de ser amador. Recorrendo ao pensamento de Turcke(2009) o esporte precisaria passar por um processo de **desregulamentação**. Para que isso ocorresse, no entanto, seria necessário que a Adidas, conseguisse inserir no comando das federações esportivas pessoas de seu interesse.

Como executar esse plano? Como conseguir financiamento para suas idéias? A Adidas parecia saber a resposta. A idéia era buscar empresas que se dispusessem a bancar esses investimentos. O que essas empresas receberiam em troca? O direito de veicular nos uniformes e nas competições oficiais o seu **logo**. Como demonstrado por Turcke (2009) em um contexto de **desregulamentação** a propaganda passa a ter um novo valor, e nesse sentido, o **logo**, aparece como uma nova forma de comunicar, pois permite as empresas deixarem suas marcas na cabeça dos consumidores de maneira rápida e eficiente. Outra constatação feita por Turcke (2009), e que pode ser notada aqui é o fato de que com o processo de **desregulamentação** a propaganda adentra em lugares até então impensados pra ela. Nesse episódio podemos visualizar a inserção da propaganda (e do **logo**) em praticamente todas as práticas esportivas. Hoje em dia é quase inconcebível pensar o esporte institucionalizado sem a vinculação da propaganda e dos **logos** das grandes empresas.

Esse processo ocorrido no esporte, além de iniciar uma série de corrupções, muito bem descritas por Simsom e Jennings (1992), acarretou uma transformação nesse fenômeno que merece ser destacada. Em um ambiente em que o esporte se baseia pelos valores mercadológicos, fica difícil pensar uma prática que se baseie pela cooperação em detrimento a competição. Com certeza, as marcas anunciantes, que passam a ser essenciais para a sobrevivência de qualquer instituição esportiva, exigem que seus “patrocinados” busquem os melhores resultados, pois necessitam ter seu **logo** vinculado a imagem da vitória. A tese aqui proposta não é a de que o a **desregulamentação** tenha iniciado a competição no esporte, mas a de que esse processo contribuiu para um salto qualitativo na valorização da vitória em detrimento ao jogo pelo prazer e baseado na cooperação. O desdobramento desse processo pode ser visualizado no desenvolvimento cada vez maior de métodos que buscam a melhora dos resultados - desde treinamentos sobre humanos, passando pelo doping, até alterações genéticas- sem se preocupar com valores éticos. Esse fato aponta, portanto para uma limitação da efetivação do esporte como pensado por Adorno, e que assim, possa contribuir na emancipação humana. Outra consequência deste formato extremamente competitivo assumido pelo esporte, e que contraria as pretensões de fazer deste um instrumento de autonomia, é o episódio que será descrito no próximo capítulo

João Homoginização: A padronização das comemorações no futebol brasileiro.

A sociedade capitalista vem se caracterizando cada vez mais pela frieza nas relações. O discurso pragmático e utilitarista vem rompendo com tudo aquilo que não se encaixe nesse perfil. Assim também ocorre com o esporte. No entanto, nesse ambiente podemos visualizar momentos que reservam, mesmo frente à busca desenfreada por resultados, certa liberdade de expressão e se constituem como espaços de manifestação de certa autonomia pelos praticantes. Nesse sentido um desses espaços a ser considerado é o momento em que ocorrem as comemorações. Esse espaço historicamente possibilitou gestos de protesto, reivindicação e criatividade aos atletas.

Como exemplo do afirmado acima, podemos citar Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Tidos por muitos como o maior jogador de todos os tempos, Pele imortalizou o gesto do “soco no ar” como forma de comemorar seus gols. Outro exemplo que merece ser citado é Maradona. Também tido como um dos maiores jogadores de todos os tempos, o argentino, ficou marcado, entre outras coisas, por uma comemoração feita na Copa do Mundo de Futebol

de 1994, onde correu em direção as câmeras e soltou um grito de desabafo. Esse desabafo veio em decorrência de episódios de envolvimento com doping. Nessa mesma edição do mundial, outro jogador se notabilizou por sua comemoração. Bebeto, jogador da seleção brasileira, após fazer um gol no difícil jogo contra a Holanda, fez um gesto como se embalasse uma criança, em homenagem a seu filho Matheus que acabara de nascer no Brasil.

Não só o futebol proporciona esses momentos e olhando para os Jogos Olímpicos, podemos nos lembrar do gesto feito pelos americanos Tommie Smith e John Carlos, que em protesto a segregação racial vivida nos Estados Unidos, ergueram seus punhos com luvas negras enquanto recebiam sua premiação nas Olimpíadas do México em 1968. Esse gesto que notabilizou os atletas como “panteras negras” foi repetido pelo brasileiro Diogo Silva que, após receber a primeira medalha de ouro do Brasil no Pan-Americano do Rio de Janeiro, protestou contra o descaso para com o seu esporte, o Tae-kwon-do, no país.

Esse gesto também foi repetido por Reinaldo, atacante do Atlético Mineiro, que usava a comemoração para protestar contra a Ditadura Militar (1964-1985) instaurada no Brasil. Esse gesto tornou Reinaldo um ícone da esquerda na época (década de 70) e causou incomodo nos militares que viam no futebol uma importante fonte de propagação de seus ideais. O atacante recebeu como repreensão o corte da Copa do Mundo de 1970 (Couto, 2010). Atualmente podemos visualizar como exemplo dessa resistência aos padrões o jogador “Loco” Abreu que além de atitudes inesperadas e declarações polêmicas, usa os espaços das comemorações de seus gols como um momento de manifestação de sua irreverência.

Os exemplos acima descrevem ações que buscam fugir do pragmatismo da sociedade contemporânea. Porém esse momento de criatividade em um cenário cada vez mais concorrencial vem se extinguindo. Nesse sentido o episódio que será analisado a seguir vem ilustrar essa colocação. Esse episódio iniciou quando, um programa esportivo, o Esporte Espetacular, propôs alguns desafios esportivos que tinham como centro o personagem “João Sorrisão”. Veiculado massantemente pelo programa, o boneco logo se tornou um lucrativo produto da Indústria Cultural. Até então o personagem não tinha ligação com o momento das comemorações, mas um novo desafio lançado pelo programa mudou esse cenário. A busca por veicular o **logo** nas comemorações não é nova, - a proibição de que os jogadores retirem sua camisa para não esconder os patrocinadores quando marcam um gol é um exemplo disso - o que se mostrou como novo foi à estratégia adotada pela emissora. Por mais que a Rede Globo (emissora do programa) possua influência no futebol brasileiro, não seria fácil veicular

diretamente seu **logo** nas comemorações. Assim ao desafio lançado consistia em fazer com que os jogadores imitassem, no momento em que fizessem um gol, o boneco. Em troca os atletas receberiam um exemplar do personagem e teriam sua imagem veiculada pelo programa. Nesse sentido a estratégia da Rede Globo consistiu em fazer do “João Sorrisão” seu **logo**. Ou seja, quando o jogador realizasse tal comemoração, essa era, rapidamente associada pelo espectador ao programa e conseqüentemente a emissora. Essa constatação corrobora com a afirmação de Turcke (2009 p.54), de que, em um cenário de desregulamentação e altamente concorrencial, “ [...] o signo identitário do produto (*logo*) transforma-se no da firma.”

A adesão dos jogadores ao desafio foi instantânea, e, já na rodada seguinte do campeonato, quatro jogadores realizaram a comemoração. Difícil pensar a necessidade dos jogadores em adquirir um exemplar do boneco, e, mesmo que isso fosse verdade, este é vendido por um preço acessível a qualquer um dos jogares. Recorrendo ao pensamento de Turcke (2009), podemos buscar uma explicação a essa adesão. Como demonstrado pelo autor, na sociedade contemporânea, o ser assume novo formato- ser é ser percebido (*Esse est percipi*). Na sociedade da microeletrônica a necessidade de se fazer imagem e chamar a atenção para essa imagem, coloca, tudo e todos na necessidade de emitir, caso queiram, serem notados e não sucubirem diante do turbilhão de informações. Essas colocações nos permitem pensar a situação dos jogadores, que em um ambiente esportivo regido cada vez mais pelo mercado, se vêem na necessidade de terem sua força de trabalho comprada pelos clubes (empresas) e, portanto necessitam também, fazer propaganda de si. Nessa perspectiva podemos entender não só a rápida aderência dos jogadores a proposta, como o aumento exponencial das comemorações que faziam alusão ao boneco.

Outra característica da sociedade contemporânea descrita por Turcke (2009) é a necessidade de choque imagéticos cada vez mais sensacionais. Isso faz com que rapidamente, o que pareceu sensacional, sucumba frente a uma nova injeção de sensação, e, portanto se torne banal. Não à toa, portanto, apenas dois meses após o início do desafio, a Rede Globo se viu na necessidade de dar nova roupagem ao desafio para ter de novo os holofotes para si. Assim o desafio mudou de regra. A partir desse momento o jogador que quisesse receber o boneco (e a atenção do programa) deveria fazer a comemoração mais “criativa” que seria escolhida por um júri montado pela emissora. Essa mudança, que só foi possível após a Rede Globo gravar significativamente seu **logo** na cabeça dos espectadores, originou uma transformação no momento das comemorações, pois absorveu até mesmo a criatividade dos

jogadores, na medida em que, qualquer comemoração realizada a partir de então, mesmo que buscasse transparecer inovação, era associada rapidamente ao concurso e por sua vez ao **logo** da emissora em questão. Podemos nos permitir aqui pensar a hipótese de um dos jogadores citados no início deste tópico ter sua imagem vinculada ao concurso e propagassem o **logo** da emissora, mesmo que realizasse sua comemoração tendo em vista outros objetivos.

Esse episódio analisado acima demonstra como o cenário esportivo atual vem se tornando cada vez mais podador das individualidades, e portanto cada vez mais autoritário. Esse autoritarismo aqui relatado se refere aquele constatado por Adorno, e recuperado por Turcke (2009) como presente na sociedade contemporânea. A constatação feita por Adorno se deu, em seu momento de exílio, onde escapava do regime nazista. Refugiado nos Estados Unidos, Adorno encontrou lá, um desenvolvido mecanismo de reprodução cultural, que para o autor contribuía para a propagação de uma ideologia que por sua vez trazia uma homogeneização, menos violenta, mas tão abrangente quanto a presente nos regimes ditatoriais. (Vaz,2000). Nos dias atuais o discurso de integração do mercado, como afirmado por Turcke(2009), vem corroborar e ampliar esse processo, uma vez que a alta pressão concorrencial faz com que os indivíduos busquem no mercado se sentirem existentes, gerando uma adesão irrefletida a discursos que, por sua vez, levam à uma situação de heteronomia. Essa situação pode ser constatada no episódio acima descrito, uma vez que a pressão para emitir levou os jogadores a adesão irrefletida dos discurso da emissora, que por sua vez, gerou uma padronização nas comemorações, podando assim as possibilidades de autonomia nesse cenário. Assim podemos afirmar que a situação atual da sociedade capitalista e seu reflexo no ambiente esportivo vêm colaborando para a construção de uma situação de heteronomia em detrimento a autonomia. De tal modo essa situação se coloca como mais um limitante da concretização de relações autônomas no ambiente esportivo.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo observar as limitações para a concretização, na sociedade contemporânea, de um esporte que possa contribuir no processo de emancipação humana. Foi constatado assim, como o desenvolvimento da sociedade capitalista, e seu formato atual como sociedade excitada, vem minando as potencialidades de materialização de um esporte que contribua com efetividade no processo de construção da autonomia dos indivíduos. Desde a espetacularização, que acaba por desvalorizar e despotencializar as práticas corporais rotineiras da população, até o processo de **desregulamentação** ocorrido no

esporte e o formato assumido pelo mesmo a partir de então, são fatores que acabam por limitar a concretização de um esporte que possa se constituir como uma ferramenta no processo de emancipação humana.

Portanto, este trabalho nos levou a apontar também, para a necessidade da constante reflexão, principalmente por parte dos educadores que visam um olhar pedagógico para o esporte, sobre o fenômeno em questão. Porém acreditamos que esse olhar reflexivo, necessita vir respaldado por uma compreensão da sociedade como um todo, uma vez que, como demonstrado, o esporte assume características peculiares, de acordo com o contexto em que se constitui.

Por fim apontamos ainda para a necessidade de uma des/reconstrução do fenômeno esportivo, pois, como constatado pelo estudo, o esporte vem assumindo características que contrariam a proposta educacional proposta pela Educação Física. De tal modo, finalizamos este texto acenando para que essa des/reconstrução busque ter em vista potencializar o esporte para que esse possa contribuir no processo que consideramos ser o papel da educação na sociedade contemporânea, a construção da autonomia.

Referências

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995, pp. 119-154

_____ Tempo Livre. In: Palavras e Sinais: modelos Críticos. Petrópolis Editora: Vozes., 1995, P. 70-82

CARTA OLIMPICA. Comitê Olímpico de Portugal, 2003. Disponível em: <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc141.pdf>. Acessado em 9 de outubro de 2012.

COUTO, E. F. A esquerda contra-ataca: Rebelião e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). Record: Revista de História do Esporte. Volume 3. N. 1. P 1-22. Jun/2010.

SIMSON, V. e JENNINGS, A. Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas moderna. São Paulo: Editora Best Seller, 1992

TÜRCKE, C. Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação, Editora Unicamp, Tradução: Antonio A. Zuin, Fabio A. Durão, Francisco C. Fontanela, Mario Frungillo. 2009

VAZ, A. Na constelação da destrutividade: O tema esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Motus Corporis, Vol.7 n 1 maio de 2000.